



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

7 de Novembro de 1998 • Ano LV - N.º 1426
Preço 40500 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

BENGUELA

Ajuda ao desenvolvimento

FUGI. Tive que fugir para o escritório a fim de escrever estas notas. Por ser domingo, as pessoas vêm procurar-me para ir ver onde moram. Querem mostrar a verdade da sua vida. Mais: querem dizer que não estão bem na miséria em que vivem. Por isso, agarram-se à Casa do Gaiato como a tábua de salvação. Sei bem o que isto significa. É um sinal claro do sentido da nossa vida. Ajudar!

Recentemente, num encontro de gente responsável, falou-se de como ajudar as

crianças e os jovens a sair da alegria aparente de viver na miséria e a saltar para a alegria verdadeira ligada ao desenvolvimento. É verdade: causa espanto ver como parecem felizes em situação tão degradante. Não é pobreza. O Pobre sente-se feliz desde que tenha o pão de cada dia. Esta é uma situação diferente: sem pão, sem casa, sem nada; apenas a dependência absoluta de outrem. Como se pode ser feliz assim?

Há, pois, que dar um passo em frente. Há que promover a insatisfação, o desejo de

mais e melhor. Este é o primeiro passo, o mais importante porque nasce dentro da pessoa. Neste sentido, acolho com alegria o apelo para ir ver como vivem as pessoas. É sinal de que não estão felizes e querem mais. Que bom! Não há dúvida, esta geração ou estas gerações estão a viver, em Angola, uma situação muito complicada em todas as áreas do humano.

É preciso dinheiro e outras coisas para se dar ajuda. Mas, antes do dinheiro e das coisas são precisas pessoas que as façam render em riqueza humana. Há projectos muito interessantes a favor do desenvolvimento comunitário, por exemplo, em muitas partes do País. Acontece, porém, que só resultam, em verdade, os que são acompanhados de forma estável e comprometida. De contrário, é dinheiro que desaparece como a água na areia, sem deixar rasto nem proveito.

Conheço pessoas que vieram fazer a sua experiência de ajuda ao desenvolvimento em Angola. O desenvolvimento passa pelas pessoas, primeiro. Não há interesses pessoais. Não são funcionários de alguma organização. Vieram unicamente para servir e gastam a vida enquanto servem. São jovens, no geral. Fazem trabalho para ficar, mesmo depois de regressarem à sua terra. É um investimento muito importante sempre e, nesta hora, insubstituível por outro. É um investimento directo nas pessoas. Encontramo-nos muitas vezes e damos conta de que é o mesmo ideal que nos seduz, por caminhos diferentes.

São precisas pessoas a investir nas pessoas. Quando aparece alguém a trabalhar com as mães, nos bairros mais degradados, em promiscuidade profunda, os filhos também beneficiam e não serão filhos da rua. Este é um campo de trabalho gratificante pelo grande alcance que tem. Há outros capitais que chegam, mas não são destinados ao desenvolvimento desta riqueza escondida que são as mães e os seus filhos.

Nos filhos de Angola mais abandonados investimos todos os nossos recursos. Não temos outra riqueza para explorar ou desenvolver. Enquanto o petróleo e os diamantes chamam a atenção dos senhores do mundo com os seus capitais, as crianças da rua contam com o capital da Casa do Gaiato que é de todos os que nos ajudam.

A Escola continua a cumprir a sua missão. Todas as manhãs, as crianças que vêm do exterior da Casa tomam o prato de soja com açúcar. Por isso, são regularmente assíduas. É que se não houver estes cuidados, abandonam facilmente a Escola para irem à busca de dinheiro fácil nos mercados paralelos. As crianças são a maior riqueza dum país. Estamos no bom caminho.

Padre Manuel António

CALVÁRIO

Escutar os Simples

Atia Adelaide, de bengala na mão, repousa serena à porta da sua casa. Pensativa, olha para o chão. Parece distante nesta tarde de fim de Verão.

Sento-me a seu lado e espero que ela comece a conversar. Ela gosta de o fazer. Precisa mesmo de que alguém a oiça. O seu passado é longo. Noventa e sete anos de vida activa é uma caminhada pouco habitual. Certamente não faltam muitos anos para a terminar. E ela tem consciência disso. Vendo-me a seu lado inicia a conversa:

— *Eu já vivi muito. Sofri muito. Deus bem podia levar-me que não ando cá a fazer nada.*

Mas olha pelos jardins, para as plantas, para as folhas secas e deseja alindar tudo. Quantas vezes não tem ela caído com a vassoura na mão!

Parece não querer partir sem deixar o mundo limpo, varrido, primoroso. Afinal anda por cá a fazer muita coisa boa. Se todos tivessem a preocupação de não partir deste mundo sem o deixar mais limpo, como a tia Adelaide! Que mundo diferente seria este!

— *Ainda falta acabar a limpeza dos canteiros ao pé do lago. Mas amanhã vou até lá.*

— Descanse — atalho eu. Não trabalhe tanto. Outros o hão-de fazer.

Continua na página 4

Trabalho infantil

SABENDO do nosso interesse por este tema, que tantas confusões (e extremismos) enredam, alguém me chamou a atenção para um artigo recentemente publicado na revista *Communio* com o título «Trabalho Infantil — Entre a Hipocrisia e o Quixotismo». É seu autor um especialista em Direito do Trabalho que foi Secretário de Estado no actual Governo e é agora Professor convidado no Instituto de Ciências do Trabalho e Empresa.

A primeira e funda impressão que me fica do escrito é a postura não fatalista mas humilde do seu autor perante a imensa complexidade do problema que, afinal, «existe praticamente em todo o lado — mesmo nos países menos suspeitos como os do Norte da Europa». Contudo, «entre o rapaz de 13 anos que, nas ruas de Manchester, entrega jornais de porta em porta, e a rapariga com a mesma idade que se prostitui nas vielas de Manila, existe uma abismo tão fundo que é caso para perguntar se a mesma expressão — trabalho infantil — pode servir de ponte sobre eles».

Universal e extremamente complexo é este problema, acerca do qual «não há informação rigorosa sobre o tamanho que o fenómeno tem, quer globalmente, quer país a país». A verdade é muito difícil de alcançar, e porque «a cada passo, saltam revoadas de números, sempre com alguma intenção, a de chocar ou a de dramatizar» — talvez por isso, por este dualismo de intenções, a inclusão no título deste trabalho: «Entre a hipocrisia e o quixotismo».

Com efeito, «a Organização Internacional do Trabalho estimava, há dois anos, em 250 milhões as crianças trabalhadoras em todo o mundo; e reviu há pouco esse cômputo para... 120 milhões — um simples ajustamento para menos de metade»!

Também «Portugal tem sido terreno fértil para a especulação estatística a este respeito. Nos últimos dez anos — período em que se intensificou a atenção das forças políticas e organizações não governamentais, sobre o tema — correram números tão díspares como 10.000 (ou simplesmente 'alguns milhares') e 200.000 casos de trabalho infantil».

A universalidade do problema ajuda a compreender a infinidade de causas e de circunstâncias diversas que o afectam — e daí «a necessidade de distinguir, tão evidente que a O.I.T., em convergência com outras organizações, como a UNICEF, (...) abriu uma frente específica, que é a do combate às 'formas mais intoleráveis', como a escravatura, a servidão por dívidas, a prostituição infantil e o trabalho em actividades perigosas...»

Continua na página 3



«Sem esta alegria ninguém educa» — comenta Pai Américo.

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

«EXCEDENTES» DA C.E. — O Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo entregou às Conferências Vicentinas, para distribuírem pelos Pobres de suas áreas de intervenção, uma remessa de géneros alimentícios (arroz, massa, farinha de trigo, leite, queijo, manteiga, salsichas, hamburgers e bolachas); *excedentes* da Comunidade Europeia, como aliás tem feito nos últimos anos.

Os Pobres, não habituados a parte destes produtos, ficam naturalmente deliciados com o mimo, tanto os pais como os filhos. Quanto a estes, até os seus olhos riem!

É um acto de Justiça, entre parceiros da CEE. Lembra-nos, curiosamente, uma *advertência* do Concílio Vaticano II que o Santo Padre repetiu, não há muito tempo, aos cristãos de todo o mundo: «*Satisfaçam-se, antes de mais, as exigências da Justiça, para que não se ofereçam como dom de Caridade aquilo que já é devido a título de Justiça.*»

Há fome por todo o mundo, até nos países mais ricos...!

PARTILHA — Uma senhora viúva, da Póvoa de Varzim, assinante d'O GAIATO, enviou dez contos, em cheque, «*para os Pobres e por alma do meu marido*», disse.

Assinante 60788, do Porto, com outros dez mil: «*Pequena migalha, se for possível, para ajudar aquela viúva carenciada que indicam n'O GAIATO. Deus vos pague por nos lembrardes as necessidades dos Outros. Saudações fraternas*» — que agradecemos e retribuimos.

Vinte mil, da assinante 67687, de Azambuja: «*Uma pequena ajuda e espero que, apesar de ser a primeira, não venha a ser a última vez que o faço. Sou eu que vos agradeço pela oportunidade e pelo prazer de contribuir para os Pobres.*»

Casal assinante 18754, de Lakefield — Benoni (África do Sul): «*Continuamos a ler O GAIATO e a dar graças a Deus pelo serviço prestado pela vossa Conferência. Estou longe e nem sempre é possível mandar um pouco de ajuda para as necessidades dos Pobres. Como não pudemos ir a Paço de Sousa quando estivemos em Portugal, trouxemos um chequinho que enviamos, não dizemos para quê. É para o mais necessário. Uma gota d'água, pois são tantas as necessidades...!*»

Quinze mil, da assinante 14493, do Porto, que não falha!

«*Com todo o carinho, envio a participação para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, referente a Outubro.*»

E faço votos de saúde para todos — saúde que é um bem precioso para o trabalho do dia-a-dia. Deus vos ajude sempre.» E à senhora, também.

Assinante 27097, de Cascais, presente «*mais uma vez, disse, com a minha ajuda para os Pobres.*»

O nosso endereço: *Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa.*

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

BENGUELA

BAR — Em nossas Casas é um lugar de convívio para os mais velhos. E estava marcado desde a fundação da nossa Casa do Gaiato.

Não havia máquina para o café, nem sumos para servir nem bagacinho nem nada. E agora? Também não há. Só mesas e cadeiras. Está limpo e arrumado. É a sala do clube onde os mais velhos gostam de estar. Era um grande desejo do nosso Padre Manuel termos esta sala. E o sonho foi realizado!

O bar foi inaugurado com o auxílio das «Leigas para o Desenvolvimento» — muito nossas amigas. O ambiente desse dia pareceu diferente dos outros, com as nossas vozes, os nossos cânticos mais fortes do que nunca.

Todos entraram e tiveram o prazer de beber *tchisangwa*, bebida deliciosa feita de farinha de milho e açúcar.

Lourenço Sapalo

CONTENTOR — Foi descarregado em 15 de Outubro. Criou muita conversa na comunidade. Alguns até sonharam, de noite, com ele, pois trouxe muitas coisas para a nossa Casa. Como era muito grande, a descarga foi mais complicada. Começámos à tarde e acabámos ao meio-dia, do dia seguinte (com paragem à noite). Os carpinteiros estiveram em acção. E alguns rapazes, também, com muita gritaria e contentamento. O nosso Padre Manuel muito preocupado a fotografar o espectáculo... Eu, que rabisco estas notas, feito *polícia* para ninguém mexer em nada. Esperávamos um conjunto, mas só apareceram duas violas ou guitarras que alegraram bastante!

Depois de tudo descarregado aparece a carrinha, no fundo do contentor. Gritaram todos: — *Lá está ela! Lá está ela!* Só visto, porque contado não chega.

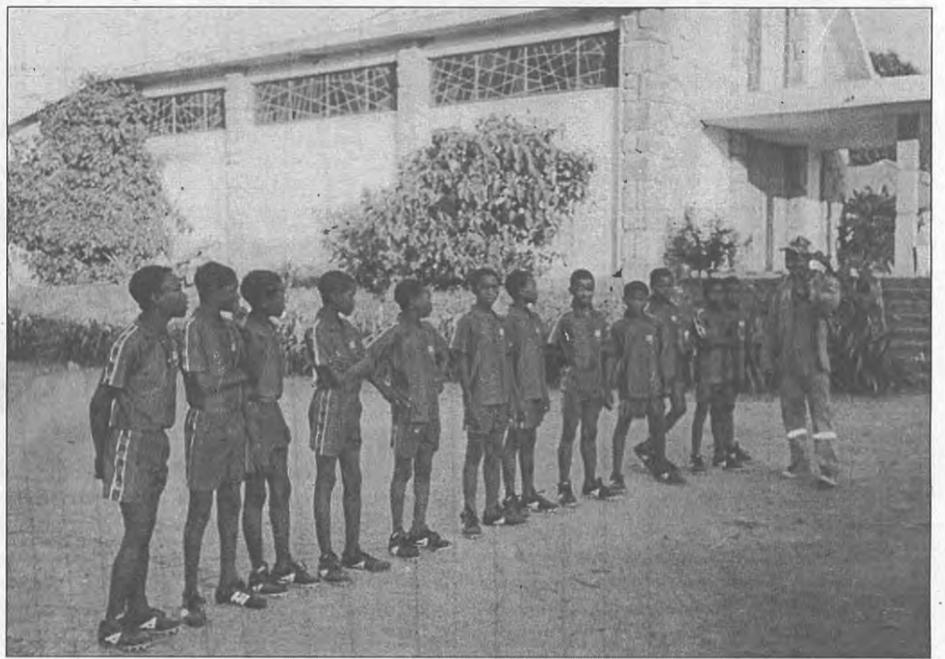
Havemos de dizer ainda mais quando vier outro contentor.

Agradecemos à nossa Obra, em Portugal, que nos tem ajudado; e a todos os Amigos que contribuíram para esta festa.

Zacarias

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

HOMENAGEM — Em 27 de Setembro, como já referimos na anterior edição, a nossa Associação homenageou a D. Maria da Luz, do Lar de Coimbra, pela sua dedicação,



Equipa da Casa do Gaiato de Malanje

durante 50 anos, ao serviço da Obra da Rua.

As cerimónias principiaram na Capela da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, com a celebração da Eucaristia. Depois, seguimos para o Santuário da Senhora da Piedade, de Tábuas, onde almoçámos. Nada faltou, nem uma máquina de café!

No momento próprio, o nosso presidente fez uma breve alocução expressando o nosso sentimento àquela senhora que, dedicadamente, serviu de mãe a várias centenas de rapazes que passaram pelo Lar de Coimbra e não só. Um bom exemplo para algumas senhoras que, em vez de, por hipótese, se enclausurarem num convento, poderiam servir em nossas Casas num trabalho atraente, gratificante. Entregámos-lhe um desenho da figura de Pai Américo, encaixilhado, oferecido pela Joana; e, da parte dos actuais gaiatos, outro quadro da sua própria pessoa, feito por um deles, e algumas quadras muito significativas, etc.

Continuando, houve, também, um «leilão» ocasional, comandado pelo «Chola», cujo rendimento foi para a nossa Associação.

Enalteçemos o sacrifício de alguns colegas e suas famílias, chegados de longe, que regressaram de imediato: casos do Manuel «Pitorro», de Coimbra; do Carlos Alberto «Lita», do Porto; António Silva «Caneço», de Viana do Castelo e Vítor «Tó-Tó», da Batalha, que aparece sempre, mesmo por pouco tempo.

Registámos cerca de vinte antigos gaiatos e familiares. Ficámos contentes!

Agradecemos à Comissão de Festas da Senhora da Piedade por nos ter disponibilizado o espaço.

Manuel dos Santos Machado

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Outubro, 67.300 exemplares.

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Menina e mãe aos quinze anos, não amadureceu. Colhida verde, foi atirada para a valeta, misturada com os resíduos humanos duma sociedade de consumo. Rolou por portais, barracas e pensões, sem rasto. Apareceu numa cama de um hospital. Diagnosticada sem cura, com leves melhoras, sai para dar lugar a outra como ela. Só aqui contacta com a mãe, separada do homem por maus tratos. Para poder sobreviver junta-se a outro homem, e acolheu com grande determinação o grito da filha, pondo em causa a sua precária estabilidade. Bate às portas a pedir ajuda. Andam todos muito ocupados. Diz que somos a sua família.

A menina e mãe de duas filhas tem hoje vinte e três anos e telefona para falar e pedir uma prenda. Quer um ursinho maior para dormir com ela.

Estamos tristes e preocupados, pois as idas ao hospital são mais frequentes e ultimamente emagreceu cinco quilos. Limitados e dependentes dos Amigos que abrem o coração aos irmãos mais necessitados, andamos com os olhos postos em Deus Pai, neste serviço de recoveiros dos Pobres.

A senhora Joaquina despediu-se do meio de nós. Recusou sempre andar de bengala; e andava, sempre que podia, como recomendara o médico. Numa das suas idas para o lar, onde passava o dia, tombou na rua para não mais se levantar.

Paz à sua alma!

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — «Junto envio o habitual, do mês de Setembro e Outubro, para a campanha *tenha o seu Pobre*», do assinante 17991. Anónimo, do Porto, cheque de quinze mil escudos. Dos assinantes 33018 e 12850, quarenta mil escudos

para uma família com dificuldades. M.D., de Valadares, mil escudos. Anónima, de Famalicão, cinco mil escudos. Uma Amiga da Rua Firmeza, com cinco mil escudos.

Bem hajam pela ajuda que dão.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Adelaide e Zé Alves

Legenda para um donativo

*Tenho pena, muita pena
Desta lembrança pequena
Que é dada com muito amor.
Mas tenho fé que algum dia
Possa dar com alegria
Uma oferta bem melhor!*

Auzenda M.

Passeio!

*Hoje saí de casa todo o dia!
Parti manhã cedo
E regressi à noite!
Passei meus sentimentos
Profundos e fortes
Pelas avenidas reconstruídas
Desta cidade maltratada
Por pessoas incivis.
Fez-me boa companhia
O vento paciente
Ouvindo os meus segredos.*

*Passei meus pensamentos
Altivos e nobres
Com tão inteira liberdade
Que até me perdi na cidade!
A minha memória
Não possui o cheiro acre
Da funesta poluição
Que corrói esta cidade.
E ainda faz pulsar
Com suas lembranças felizes
O meu coração!*

E de novo consigo amar!

Manuel Amândio

RETALHOS DE VIDA

«Cocas»

Olá! Eu sou o Luís Filipe Almeida Brito. Vou dizer porque vim para a Casa do Gaiato.

Vim para o Gaiato porque o meu pai fugiu para Inglaterra e a minha mãe morreu e uma senhora trouxe-me. Vim com cinco anos. Tenho dois irmãos mais velhos. Um esteve aqui, mas, agora está a trabalhar em Inglaterra; e o outro está comigo.

Já estou habituado a estar na Casa do Gaiato e agora não consigo sair daqui.

Estudo, tenho a minha obrigação, onde dormir e comer. Não me falta nada!

Estou a tentar aprender a ser serralheiro ou carpinteiro, porque quero sair daqui um homem e não um vadio.

Agradeço a quem cuidou de mim e me dizia o que era bom e o que era mau. E isso muito me agradeceu.



Luís Filipe Almeida Brito

SETÚBAL

Visitantes

UM grupo de Amigos, de Castelo Branco, veio fazer-nos uma visita.

Anunciaram-se por carta de alguém que não os acompanhou fisicamente com desgosto seu e nosso, mas uniu-se afectivamente com os cuidados da viagem e o seu óbolo adiantado.

Um grande autocarro da «Beira Interior» transportou gente ansiosa de contactar, de perto, uma Casa do Gaiato e de se deliciar na convivência com os rapazes.

Quando o Padre Américo chamou às Casas do Gaiato «Santuário de Almas» não sei se entendeu toda a dimensão deste atributo.

O andar dos tempos tem revelado as diversas facetas deste sobrenome que o Espírito de Deus se encarrega de patentear à nossa sensibilidade pecadora. Um Santuário é sempre lugar do Santo. Do Santo por Excelência — Deus. Cada rapaz, nesta Casa, transporta no seu interior o Deus Vivo.

Penso que terá sido esta a razão principal, na mente do Padre Américo, que o terá «forçado» a chamar santuário à Casa onde abrigava os que, por amor de Deus, acolhia na sua vida e se dava inteiramente a Eles. Nesta, não temos os restos mortais do Fundador da Obra mas um pouco do seu espírito e a expressão aproximada do seu pensamento. Não há túmulo para acender velas ou depositar flores, mas há a Fonte da Santidade Verdadeira, a qual foi a Inspiradora de todo o seu amor e do seu método.

Não admira, pois, que os mais ávidos do Deus Vivo se dirijam aos sítios onde a Sua Presença humilde e misteriosa se sente mais.

Tinham-nos avisado que nesse domingo não fizessemos comida. Que eles trariam tudo. E trouxeram que chegasse e sobrasse do almoço e do jantar. Iguarias da sua Região, da cozinha e da pastelaria, confeccionadas por cada um com carinho sagrado e embrulhadas na fidalguia das toalhas

albas artisticamente debruadas. Frutas dos seus quintais, doces e impolutas como as suas almas!...

O primeiro encontro foi na Capela. A Casa Comum de todos à volta do Pai na mesa do Filho.

Servi-lhes a Sua Palavra: rezar com a humildade, a aflição e a certeza da viúva à porta do juiz iníquo!...

Depuseram no altar e nas minhas mãos 373.746\$00.

As senhoras serviram o almoço com uma alegria e uma devoção impressionantes.

Fiquei com inveja da fé límpida das gentes do interior a contrastar com o frenesim das passeatas aos orientes sagrados ou lugares santos da Europa dita evoluída.

O nosso Deus é um Deus Próximo de quantos O invocam!

O Lions Clube de Setúbal tem-nos acompanhado desde a sua fundação. Elegeu-nos como destinatários do produto da anual «feira da ladra» a realizar sempre por altura dos Santos. Muitos «Companheiros» eram já nossos Amigos e levaram para o seu grupo esta febre simpática pela Casa do Gaiato. Após o Natal vêm comer connosco um almoço e sentam-se à nossa mesa com os rapazes, elevando, assim, por uns momentos, o seu nível

social e transmitindo-lhes carinhosamente um pouco da sua cultura.

Agrada-me extraordinariamente este gesto.

Desta vez trouxe-os uma razão especial para connosco fazerem um jantar de trabalho: esconjurar uma aparente amargura que determinada perseguição nos poderia ter provocado e que os fez sofrer. Içaram bandeiras; leram o código de ética leonina; fizeram discursos. Em família com os rapazes.

Obrigado Amigos. Sempre quis ser pobre, morrer e viver pobre. Isto tem o seu preço. E... o seu nível.

UM casal que passou há décadas por Setúbal levou consigo a paixão desta Casa. Nunca mais nos esqueceu. Pelo Natal o seu cheque é certo.

Agora, fez sessenta anos de idade e os amigos promoveram-lhe uma festa. Este tempo é fértil em festas!...

Obrigado naturalmente a aceitar, fez questão de não receber presentes mas que o seu valor lhes fosse entregue em dinheiro que distribuiriam aos Pobres. A nós coube-nos 200 contos.

Mora longe. Não veio cá. Mandou por uns amigos de Setúbal que, ao entregarem a quantia em numerário, nos relatou o acontecimento.

Formas simples de realizar e pregar o Evangelho.

OUTRO Amigo fez setenta anos. Não quis nem fez festa. O que devia gastar repartiu por três causas. Pôs-me no bolso oito notas de cinco mil.

O GAIATO vai pregando e os Leitores acordam.

Padre Acílio

Uma carta

Janela aberta

Tenho uma grande dívida para com a Obra da Rua, pois dado estar longe da minha mãe (que para além de ser a minha melhor amiga, é uma das pessoas que mais amo na vida) nem sempre lhe posso fazer companhia e dar o conforto e apoio moral de que tanto necessita. Mas a chegada do Jornal O GAIATO a casa dela representa uma janela aberta para o exterior, um abraço amigo, uma dádiva de amor, uma forma de partilhar e

minimizar o sofrimento que tanto a aflige.

(...) A minha mãe, desde muito nova, mais concretamente desde que casou, tem tido uma existência de grande sofrimento, pois foi sempre sua intenção manter-se na casa de família até casar os filhos, após o que, era sua enorme vontade, juntar-se a vós, oferecendo-se como voluntária para ajudar, colaborar e trabalhar de forma a dar uma «pequena» contribuição (a sua vida e o seu trabalho) para auxiliar quem necessitasse. Porém, tal não foi possível, uma vez que a vida de muito sofrimento, a «cruz» pesada que tem vindo a arrastar e nunca recusou, sempre que se tratasse de auxiliar e defender os Pobres, fez com que a doença a minasse.

Assinante 17502

Trabalho infantil

Continuação da página 1

Distinguir é bem, na análise das inúmeras faces que o problema apresenta. Mas diferenciar, na execução das respostas, «tem consequências receáveis».

«A primeira é o isolamento dos países» marcados pelo subdesenvolvimento e pela pobreza, sempre sujeitos «a pressões (nomeadamente comerciais e políticas) a que não têm meios de corresponder eficazmente e que, a serem concretizadas, conduziriam ao agravamento da situação no seu conjunto».

«A segunda consiste na criação de uma espécie de 'imunidade' para os países em que o trabalho infantil existe sob formas menos chocantes — imunidade conseguida mediante apoios àqueles países em que as formas são 'menos toleráveis'».

«Circunstâncias como estas explicam que o tema do trabalho infantil faça saltar, com tanta frequência, queixas de 'hipocrisia' e de 'cinismo', a propósito de atitudes dos responsáveis políticos e de organizações económicas dos países desenvolvidos».

É a desgraça de um Mundo que se pretende tão evoluído e afinal não encontra soluções para os grandes problemas; antes «por entre a folhagem densa e escura da selva em que se transformou a 'economia global'», consente e coabita com meias soluções, desequilibradas, pois a «metade» dos mais fracos é cada vez a maior parte e a mais espeznhada pelo «resto», menos extenso mas intensíssimo, dos mais fortes.

Padre Carlos

PASSO A PASSO

ESTAVAM a recolher o gado vindo do curral. Era hora de tirar o leite às vacas. Da porta da vacaria, o Paulo Jorge ia dando ordens ao «Nana»: — Agora é a Mimi! Uma a uma, iam as vacas transpondo a porta, dirigindo-se de imediato para os seus lugares no estábulo. O «Nana», com uma cana de milho na mão, fazia a selecção seguindo as instruções do Paulo Jorge.

Feito o acolhimento ao gado, é tempo de mugir as vacas. Eles sabem o que têm a fazer. E fazem-no bem feito.

Agora, a despreocupação já é maior. O leite é somente destinado ao consumo da comunidade. Já não é preciso efectuar todas

Somos aproveitadores do «Lixo»

aquelas operações de desinfeção, antes necessárias. O leite era vendido às cooperativas que cada vez se tornavam mais exigentes nos seus padrões de qualidade. É que, hoje em dia, tem de ser tudo muito puro!

Esta exigência de pureza, que se encontra na sociedade em que vivemos, também está a dar cabo de muita coisa. Veja-se que até à mesa temos agora pudor de pegar na metade do pão que os nossos comensais deixaram no cestinho, depois de se servirem. Até nos apertos de mão há que ter cuidado, pois com tantas

sidas que para aí se desenvolvem, é melhor prevenir para evitar o contágio. E o ar que se respira? É bom que quem está ao lado seja do meu nível, pois, de outro modo, podem vir ao meu encontro as maleitas do meu próximo.

Esta sociedade de pureza, revela-se também a muitos outros níveis. Mas em vez de se purificar do que não é humano, só deixa passar no filtro o que lhe convém ao seu puro egoísmo. Com mais higiene vamos bem, mas com mais egoísmo vamos mal.

Nós, por vocação, somos aproveitadores do Lixo.

Também a nós compete purificar. Fazer higiene de muitas espécies, procurando não retirar aquilo que é fundamental — o humano, dando-lhe o sabor do divino.

O «Pauliteiro» mostra-nos como é:

Estava o Paulo Sérgio castigado sem sobremesa. O «Pauliteiro», observando a distribuição que dela estava a ser feita, diz para outro rapaz seu companheiro de mesa: — Este rebuçado é para o Paulo Sérgio! Aqui está! Amou, portanto purificou.

Padre Júlio

DOCTRINA



Encosto ao meu peito
o pequenino ladrão
— para que o não seja.

HÁ dias, no Porto, um senhor pediu-me licença para fazer uma pergunta. — Faça.

— Você não tem medo da Obra que vai lançar, nem da falta de pão para as centenas de garotos que se propõe abrigar?!

— Não, meu senhor.

E a ti digo na mesma. Teria medo, sim, se porventura mandasse embora estes nossos sementes, consumidos pelos vícios, abandonados dos pais, escorraçados pelos homens — eles, os fiadores da Humanidade, com lágrimas a cair no peito, que muitos causam e poucos enxugam.

TERIA medo, sim, se visse melhor o perigo social e afastasse; mas não. Maior perigo vejo em ti que não fazes caso; e encosto ao meu peito o pequenino ladrão — para que o não seja. Ora aqui tens o segredo. Podes copiar; não está registado.

VISTO como as Obras de agora têm de ser reduzidas por falta de tempo para as fazer, é meu propósito dar muito alimento no pouquinho que se faz.

ANDAM os homens tão ocupados com as notícias do Mundo que não querem ouvir as do Céu e espantam-se da simplicidade e da audácia dos obreiros do Evangelho. Pois lê a Obra e faz circular. São notícias do Alto que devem suscitar dúvidas aos convictos da Matéria e dar certeza aos que acreditam no Espírito.

FICO à espera de ordeus para entregar em casa dos doentes as coisas da tua devoção. Eles são tantos como as estrelas, tristes, amortecidos, sentados em mochos, deitados em catres, com moscas pousadas nos olhos — nossos irmãos, teus irmãos!

O. Amín. 5.1

(Do livro Pão dos Pobres — 4.º vol. — Campanha de 1943 a 1944)

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Como se pode ajudar uma família a ter casa sua

O alerta chegou do fundo do Alentejo, de Irmãs Religiosas que prestam a sua dedicação a servir o povo daquela Vila. Uma família numerosa a viver numa casinhoto que lhes foi emprestado pela Junta da Freguesia, sem espaço e sem o mínimo de condições de habitação.

Perante tão grave e grande aflição procurámos e fomos por aí abaixo certificar-nos, logo que pudemos. Observámos e inteirámos-nos. Dirigimo-nos às Irmãs. Com elas fomos ao encontro da família. Procurámos entrar, mas nem todos conseguimos, pois as duas reduzidas divisões estavam totalmente atravancadas de variadas coisas. — *Não cabe cá mais nada!*, disse a mãe de família.

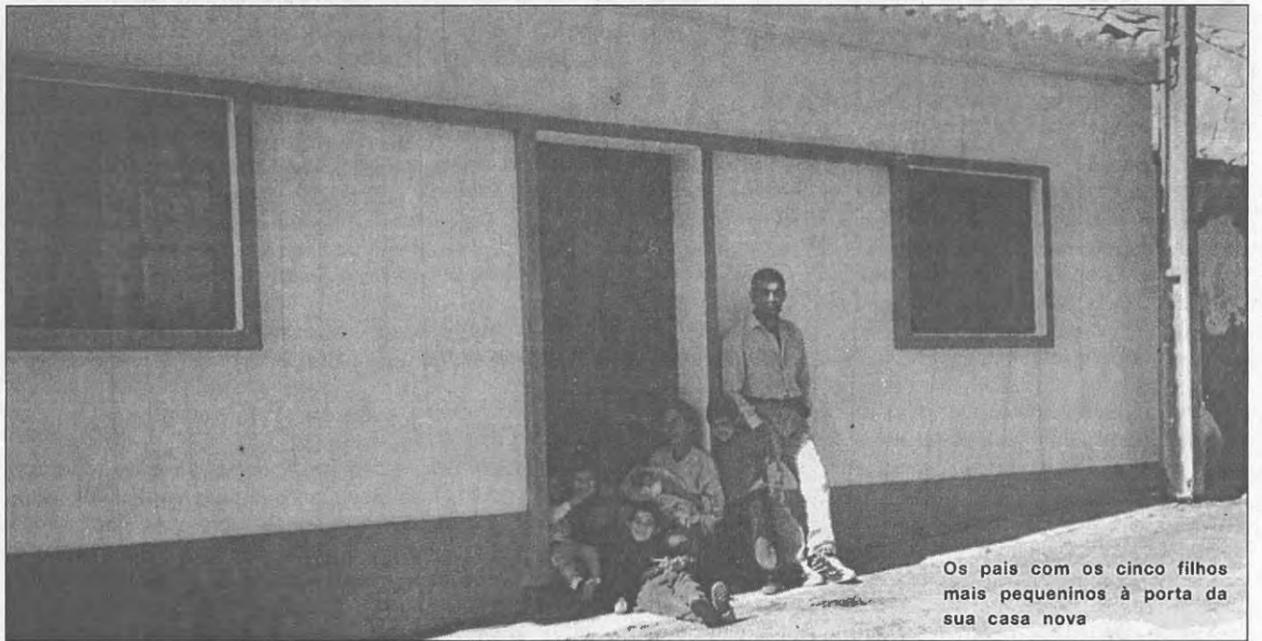
Ficámos a olhar uns para os outros. Vimos que era necessária uma solução urgente. Logo ali nos informaram que estava à venda uma habitação com jardim e quintal e fomos ver. Pareceu-nos uma boa solução. Fizemos planos e animámos-nos. Resolvemos comprar. As Irmãs pedirão aos admiradores e comunidades religiosas suas conhecidas. Nós daremos a conhecer aos nossos Amigos mais este peso da nossa missão.

Passados dias, assinou-se a escritura. O chefe da família, que trabalha longe, deu um arranjo à casa e foram ocupá-la. Alguns amigos ofereceram os móveis indispensáveis. As Irmãs conseguiram metade da verba e o Património dos Pobres ajudou com a outra metade. A última oferta foi um cheque de duzentos e cinquenta contos, «em acção de graças por uma graça». É um dos modos de agradecer a Deus: ajudar os Pobres.

Agora, era necessário apetrechar melhor a habitação para família numerosa. Alguns amigos escutaram a nossa voz. Um médico quis oferecer mobília para um quarto. Uma família sempre atenta, ofereceu dois móveis. Nós fomos a um armazém e comprámos três colchões. Demos mais uma procura, em nossa Casa, e pusemos tudo na carroçaria da nossa O.M.

No dia seguinte, logo de manhãzinha, pusemo-nos a caminho e entrámos nas planuras alentejanas. O Alentejo pareceu-nos muito deserto. Avistámos bastantes montes com suas casinhas típicas, a maior parte abandonadas e em ruínas, sinal de que os seus habitantes tiveram de procurar outra vida. Em muitas dezenas de quilómetros só encontramos uma camioneta de passageiros.

Chegámos ao meio-dia. Estavam à nossa espera. Os cinco pequeninos, todos sorridentes, admiravam tudo o que



Os pais com os cinco filhos mais pequeninos à porta da sua casa nova

se descarregava e entrava em casa. A mãe procurava arrumar e, com um sorriso triste, desabafou: — *A minha menina nasceu só há quatro dias e todos querem carinho e eu ainda posso pouco.* Admirámos tanta heroicidade.

À despedida, vieram entregar um raminho de rosas e verdura colhidas no seu jardim e um papelinho com flores desenhadas à volta, escrito com a mensagem: «Senhores

Padres — muito obrigado pela ajuda que nos deram. Que Deus os alumie para continuarem a vossa Obra. Muito obrigado e Deus vos ajude. Em nome da nossa família os nossos agradecimentos.

Sentimo-nos felizes. Pai Américo, na sua voz profética, cantava e louvava a gratidão dos Pobres.

Padre Horácio

Escutar os Simples

Continuação da página 1

— *Eu tenho de lá ir. Aquele trabalho é comigo — acrescenta a tia Adelaide, batendo com a bengala no chão. — Eu quero deixar tudo arrumado para domingo.*

Muda de conversa. Conta histórias da sua vida, desgostos, alegrias e remata:

— *Eu já passei muito. Já trabalhei muito. Depois tenho tempo de descansar. A gente vai ter ocasião de repousar lá em Cima. Deus tem sido meu amigo. E há-de sê-lo.*

Esta fé límpida é a fé dos Simples. Estes não complicam as coisas. Vêm na clareza de Deus o mundo, a vida, o futuro.

Esta esperança segura é a esperança dos Simples que confiam na generosidade de Deus.

A tia Adelaide quer dizer tudo quanto ainda não disse e parece ter pressa de o fazer, com medo de partir sem o ter dito.

Há tanta gente que passa por este mundo e não diz tudo quanto desejava dizer! Vidas inacabadas por acanhamento,

mas sobretudo por não haver quem as queira escutar. Há falta de disponibilidade para escutar os Outros. Ouvi-los é uma maneira de os ajudar. Escutar os Outros é um modo de nos enriquecermos. Quanto não se aprende com os mais velhos!

A tia Adelaide quer transmitir o seu amor à vida e igualmente a sua fé, a sua esperança, a sua alegria interior.

Tem sido uma bênção a presença desta mulher entre nós. Todos a acarinhos. Outro dia, três doentes

vinham com ela da mata, onde andara às pinhas.

— *Ela caiu e fomos levantá-la. A gente não quer que ela se magoe.*

A tia Adelaide continua sentada de bengala na mão, a meditar e eu a ouvi-la.

Esta idosa senhora faz bem a todos. Desperta a dedicação e o amor dos mais novos pelos idosos.

A sua pessoa é querida e respeitada. O seu exemplo é estímulo e alento. Se Deus a vai tendo connosco é, por ventura, por isso mesmo.

Que os nossos olhos se abram para os Simples e os nossos ouvidos escutem os idosos que muita riqueza havemos de amearhar.

Padre Baptista

PENSAMENTO

Só a morte me há-de libertar!

PAI AMÉRICO

O LIVRO «PADRE AMÉRICO - MÍSTICO DO NOSSO TEMPO»

«Um bom presente!»

CONTINUAMOS a seguir um critério marcado desde o princípio; e, desta forma, procuramos dar voz a maior número de Leitores, sem, evidentemente, macularmos as suas riquíssimas mensagens.

A assinante que abre o cortejo, dá força ao interesse da obra, companhia «para as minhas férias» — disse.

Vila das Aves — assinante 33314:

«Já li o volume que me mandaram. Gostei imenso! Foi um bom presente para as minhas férias...! Obrigada.»

Assinante 21919 — Porto:

«Sou uma grande Amiga da Obra da Rua. Conheci o Padre Américo ainda nos meus tempos de estudante e aprendi a admirá-lo e a pedir a sua protecção para os oito netos que hoje tenho. Estou lendo o novo livro, pausadamente. Fiquei feliz porque os tenho todos e vou-os relendo sempre que necessito de coragem...» Família numerosa!

Alvoco das Várzeas — assinante 5764:

«Li, de um trago, o livro sobre o Padre Américo. Fiquei a conhecer, mais profundamente, quem foi o Homem que deixou uma Obra que será eterna. Lá no Céu, que ele vos acompanhe para poderdes levar a Obra da Rua ao mais alto possível.» Ele está connosco!

Assinante 67395 — Leiria:

«Acredito muito no vosso 'desafio': — Quando alguém se debruçar sobre o Padre Américo-místico, então é que vai ser...! Oxalá me ajude a ser mais simples, mais humilde, mais fraterna, mais pronta a dar a mão a cada Irmão... Tal como a Obra da Rua faz a esses 'meninos de ninguém', que ajudais a crescer em todas as dimensões! Quem dera que eu fosse capaz de quebrar esta esfera de egoísmo e solidão em que, por vezes, me refugio, um tanto cobardemente, com os pretextos mais variados.»

Tenho tentado aprender com a leitura d'O GAIATO, a compreender melhor o Outro... e a crescer moral e espiritualmente.

Agradeço o vosso gesto amigo e confiante no envio do precioso testemunho de Paz e Amor — 'Padre Américo — místico do nosso tempo'. É tão sublime, tão profunda a Obra da Rua que não resisto a rezar convictamente e em comunhão convosco, uma das mais belas orações de Padre Américo — que reconheço bem vivo dentro de vós...» Comunicação dos Santos!

Maia — assinante 55387:

«Gostaria de descrever o que senti ao ler cada uma das folhas do livro sobre o Padre Américo, preparado pelo Padre Ramos. Limite-me, porém, a referir que ele é uma valiosíssima fonte de meditação e de oração.» No pouco, diz muito!

Assinante 22477 — Fermentelos:

«Obrigada pelo livro que me enviaram. Deus faça resplandecer a Sua Luz na Obra da Rua e nos seus obreiros.» Um voto por todos nós!

Lisboa — assinante 44492:

«Há uma frase certa, para muitos de nós, expressa por um assinante que recebeu a obra sobre o Padre Américo, recentemente editada: 'Se não fosse O GAIATO, eu não tinha a que me agarrar...!' É verdade. Tenho, para a nossa vida, mais alguns jornais O GAIATO sob outros nomes, aos quais nos agarramos como a Evangelho vivo para não desorientar totalmente em solidão sem esperança. E Padre Américo continua a reconfortar: 'Se o grão de trigo ficar à vista, não dá pão.' Ora aqui está!

Assinante 12100 — Alenquer:

«Ando a ler, com que emoção!, o último livro do Padre Américo. É uma maravilha, baseado no autêntico Evangelho de Cristo. Eu não sei dizer mais nada, a não ser que vou oferecer esta maravilha a uma pessoa que muito estimo. Mas enviem um outro volume para mim, pois agradeço, do coração, todo o bem que me faz!»

Pai Américo questionou, algures: — *Que fariam os Discípulos com os Meios de Comunicação do nosso tempo?*

Júlio Mendes